

Capítulo 33

A palavra estética só foi introduzida no vocabulário filosófico em 1750 pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten

↳ Referia-se à cognição por meio dos sentidos, ou seja, o conhecimento sensível



A BELEZA COMO UMA QUESTÃO ESTÉTICA

↳ {
O que é a beleza?
Será possível defini-la objetivamente?
Ou será uma noção eminentemente subjetiva, isto é, que depende de cada um?

↳ {
Platão: a beleza é a única ideia que resplandece no mundo
Objetiva

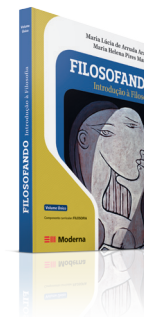
↳ O classicismo → deduz regras para o fazer artístico a partir do belo ideal, fundando a estética normativa

SÉCULOS XVII E XVIII

→ Filósofos empiristas Locke e Hume relativizam a beleza

↳ {
Não é uma qualidade das coisas, mas só o sentimento na mente de quem as contempla
Julgamento de beleza depende tão somente da presença ou ausência de prazer em nossas mentes
Kant, na tentativa de superar a dualidade objetividade-subjetividade, debruça-se sobre os julgamentos estéticos, ou de beleza, e não sobre a experiência estética
Hegel introduz o conceito de história ao estudo do belo, e, a partir do século XIX, a beleza muda de face e de aspecto através dos tempos

Capítulo 33



Hoje, de uma perspectiva fenomenológica, consideramos o belo como uma qualidade de certos objetos singulares que nos são dados à percepção

↳ O objeto é belo porque realiza sua finalidade, é autêntico, verdadeiramente segundo seu modo de ser, isto é, por ser um objeto singular, sensível, carrega um significado que só pode ser percebido na experiência estética

A QUESTÃO DO FEIO ESTÁ IMPLÍCITA NA PROBLEMÁTICA DO BELO

↳ Dois modos de representação do feio

- ↳ {
- A representação do assunto “feio”
- A forma de representação feia

A subjetividade em relação ao objeto estético precisa estar mais interessada em conhecer, entregando-se às particularidades de cada objeto, do que em preferir

↳ Ter gosto é ter capacidade de julgamento sem preconceitos

- ↳ {
- A experiência estética, ou a experiência do belo, é gratuita, é desinteressada, ou seja, não visa a um interesse prático imediato
- Não visa ao conhecimento lógico, medido em termos de verdade
- Não tem como alvo a ação imediata
- Não pode ser julgada em termos de utilidade para determinado fim
- Experiência da presença tanto do objeto estético como do sujeito que o percebe